

BEATRIZ ORFALIAIS ENTREVISTA O GEÓGRAFO ESPANHOL HORACIO CAPEL



Horacio Capel Sáez é um dos nomes mais icônicos da Geografia Urbana atual. Nascido em Málaga, no dia 7 de fevereiro de 1941, adquiriu sua licenciatura em Filosofia e Letras pela Universidade de Múrcia em 1963. Seu interesse pela Geografia iniciou-se já na faculdade, onde cursou várias disciplinas do ramo. Especializou-se em Geografia e História, e começou a fazer pesquisas sobre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento no Sul da Espanha, envolvendo-se cada vez mais com os estudos da Geografia Urbana. Sua tese de licenciatura teve como tema a população e os movimentos migratórios do município de Lorca, cidade onde havia morado quando criança. Este estudo o orientou para a dimensão social da Geografia Humana: a população e os problemas de desenvolvimento econômico. É doutor em Geografia pela Universidade de Barcelona (1972) e passou a ser professor de Geografia Humana nesta mesma universidade em 1983.

Em meados dos anos 1970, Horácio Capel realizou diversas pesquisas relacionadas à Geografia Urbana (sistemas urbanos e morfologia) e à percepção do espaço, tendo escrito os livros “*Estudios sobre el sistema urbano*” (1974 e 1982), *Capitalismo y morfología urbana en España*” (1975), entre outros. Posteriormente, dedicou seus estudos à teoria e à história da Geografia e da Ciência, temas principais das obras “*Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*” (1981 e 1983), “*La Física Sagrada. Creencias religiosas y teorías científicas en los orígenes de la geomorfología española*” (1985) e de outros mais. Atualmente, trabalha em várias pesquisas e redige artigos acadêmicos e livros sobre a cidade e a inovação tecnológica. Suas obras mais conhecidas são “*Dibujar el mundo. Borges y la geografía del siglo XXI*” (2001), “*La morfología de las ciudades. Sociedad,*

cultura y espacio urbano” (2002), “*La cosmópolis y la ciudad*” (2003) e “*Los ferrocarriles en la ciudad. Redes técnicas y configuración del espacio urbano*” (2011).

Além disso, o geógrafo dirige as revistas *Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana*, *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales* e *Ar@cne*. Desde 2013, Horácio Capel Saez escreve artigos para o *GeocritiQ. Plataforma Digital Ibero Americana para la Difusión del Trabajo Científico*. Saez promove e participa de diversos congressos nacionais e internacionais, sendo o maior deles os anuais *Coloquios Internacionales de Geocrítica*, que já estão em sua décima quarta edição.

Além de ser *Doutor Honoris Causa* pela Universidad Nacional de San Juan, Argentina (1999), pela Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina (2002) e pela Universidad de Buenos Aires (2010), o geógrafo recebeu os seguintes prêmios: *Distinción a la Actividad Investigadora, de la Generalitat de Catalunya* (2003); *Preston James Eminent Latin Americanist Career Award*, pela *Conference of Latin American Geographers* da *Association of American Geographers* (2006); *Premio Colombiano de Geografía Francisco José de Caldas* e uma Medalha de Honra, concedidos pela *Asociación Colombiana de Geógrafos (ACOGÉ)*, (2012). O prêmio mais importante que adquiriu foi o *Prix International de Géographie Vautrin Lud 2008, "Nobel de Géographie"* (equivale ao Prêmio Nobel de Geografia).

Atualmente, vive em Barcelona com sua esposa e tem três filhos. Dirigiu mais de 60 teses de doutorado e seus livros e artigos já foram traduzidos para mais de sete línguas.

Vamos começar falando de uma questão que, apesar de originada em 1516, continua sendo atual: qual a importância da utopia em um momento no qual novamente se coloca em questão o modelo capitalista de desenvolvimento?

Acredito que o tema das utopias seja muito importante. Por essa razão, organizamos, em maio de 2016 na Universitat de Barcelona, um congresso intitulado “As utopias e a construção do futuro” (é o XIV Coloquio Internacional de Geocrítica), que gerou um livro com 150 artigos científicos.

A ideia fundamental do Coloquio é que as utopias podem ajudar a construir o futuro. O utopismo tem suas raízes na Antiguidade. Aparece, por exemplo, em “As Leis de Platão”. Teve um marco importante também no Renascimento, através da publicação de “Utopia”, de Tomás Moro, em 1516. No século XIX e XX, o utopismo recebeu inúmeras contribuições, e acreditamos ser interessante considerá-las para se pensar o futuro.

As utopias elaboradas apresentam sempre uma crítica ou uma desconformidade com a situação conhecida e expressam o ideal de um mundo diferente, mais justo e feliz. Nos momentos em que se tem consciência dos graves problemas provocados pelo sistema capitalista, podem ajudar a pensar em modelos de uma sociedade diferente.

No Brasil, tivemos um geógrafo de grande relevância internacional. Como você avalia a contribuição do professor Milton Santos para a Geografia e para a compreensão da produção do espaço nos países ditos do terceiro mundo?

Milton Santos foi um grande mestre da Geografia e um pesquisador muito conhecido internacionalmente. Seus trabalhos sobre a cidade nos países subdesenvolvidos, a região

e a regionalização, a globalização ou sobre os meios técnicos, foram muito valiosos e utilizados.

Sua obra foi muito apreciada na Europa, especialmente na França, onde viveu durante alguns anos e publicou vários livros, e na Espanha, onde foram publicados numerosos trabalhos seus e sobre ele, e onde seu pensamento foi muito influente. Foram dedicadas diversas homenagens a ele; por exemplo, foi nomeado *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Complutense de Madri e pela Universitat de Barcelona. Em 2002, dedicamos-lhe uma edição especial da revista *Scripta Nova* da Universitat de Barcelona, coordenada pelo professor Wagner Costa Ribeiro com a colaboração de uma dezena de professores brasileiros, e inclusive eu mesmo escrevi um artigo.

Li diversos de seus trabalhos durante minhas pesquisas na universidade. Conheci-o pessoalmente em 1968, em um congresso realizado em Bordeaux. Desde esse momento, construímos uma boa amizade, e o vi em várias ocasiões, tanto na Espanha quanto no Brasil. Era uma pessoa muito amável e extraordinariamente generosa. Pode ser considerado como um dos grandes geógrafos da Geografia contemporânea.

Mesmo se falando em crise na cidade, em grandes congestionamentos e falta de habitação para a população mais pobre, por que mesmo assim você ainda afirma que as cidades continuam sendo os melhores lugares para viver?

As cidades têm sido sempre os melhores lugares para se viver, e continuam sendo, apesar dos problemas que podem ter. A cidade é sinônimo de civilização e de cultura, onde as pessoas podem melhorar seu nível de vida devido às oportunidades de emprego, mais abundantes e variadas do que em qualquer outro lugar.

Hoje algumas coisas mudaram. Estamos em uma fase denominada como Urbanização Generalizada, em que mais da metade da população do mundo é urbana. As cidades têm se expandido amplamente e as grandes cidades se transformaram em áreas metropolitanas e constituíram inclusive regiões urbanas.

Existem, além disso, bons meios de comunicação e de transporte, e por isso as cidades médias e pequenas, se bem localizadas e com fácil acesso a grandes cidades, podem ser muito boas para se viver.

Barcelona se tornou modelo de desenvolvimento urbanístico para várias cidades mundo afora desde as reformas promovidas na época das Olimpíadas (1992). Consultores catalães têm dado assessoria às diferentes cidades que se tornaram sedes olímpicas. Você acha que esse modelo trouxe realmente grandes benefícios para a cidade de Barcelona? Copiar um “modelo de sucesso” é o melhor caminho para a resolução dos problemas das diferentes cidades?

Acredito que o chamado “modelo Barcelona” tem tido interpretações diversas. Na verdade, ele foi constituído pela atuação democrática da prefeitura de Barcelona e dos partidos de esquerda, durante a década de 1980, quando alguns líderes de associações de bairros passaram a ter influência municipal e quando se tomaram decisões muito importantes, por exemplo fazer investimentos em infraestruturas para preparar as Olimpíadas; e o desenvolvimento econômico dessa década, posterior à crise de 1973, que na Espanha se prolongou por alguns anos durante a transição política. As consequências disso foram a melhora da imagem de Barcelona.

O problema é que Barcelona se tornou muito atrativa para o capital financeiro e imobiliários, e, no final do século e início do novo milênio, muitas coisas mudaram, com a aplicação de políticas neoliberais.

Em todo caso, não se deveriam espetacularizar os resultados de cidades de outros países. Conhecê-los sim, para saber o que se faz em outros lugares. Porém, as cidades deveriam olhar para os seus próprios problemas e circunstâncias concretas, para encontrar suas próprias conclusões.

Em várias cidades do Brasil há um grande número de pessoas vivendo em favelas. Estudando a história de Barcelona, vemos que existiram mais de mil favelas na cidade. Atualmente, segundo dados, não há favelas em Barcelona. Como a administração pública catalã resolveu esse problema?

Em Barcelona, como em outras cidades espanholas, havia extensas áreas de barraquismo, que é como se denomina na Espanha a este fenômeno das favelas. E havia muitos debates sobre o que fazer com elas; se destruí-las construindo, em seu lugar, conjuntos habitacionais modernos ou conservá-las.

Nos anos 1980, com a chegada dos novos governos democráticos após a transição política depois da morte de Franco, o debate se fez muito vivo. Os governos democráticos decidiram investir nas periferias urbanas mais pobres, para construir nelas equipamentos públicos. Nesse momento, as áreas de barraquismo que haviam se formado em terrenos públicos ou em setores não edificáveis foram derrubadas, realojando os habitantes em conjuntos habitacionais, geralmente periféricos. Em geral, se fez um grande esforço para investir também nas áreas informais, equipando-as e convertendo-as em bairros formais, o que significou construir acessos, asfaltar as ruas (que às vezes eram de terra), promover o abastecimento de água, construir escolas, mercados e outros serviços públicos. Investiu-se muito e se conseguiu transformar profundamente estas áreas que antes tinham grandes carências.

O que pensa sobre o discurso de separação da Catalunha da Espanha?

Creio que a separação da Catalunha do resto da Espanha seria uma tragédia para todos. Séculos de convivência e inter-relação, formando parte do mesmo país, não deveriam acabar de forma abrupta. Creio que é um problema antigo e não resolvido, que foi muito mal gerenciado por ambas as partes.

As novas tecnologias de informação e comunicação têm um forte papel no mundo contemporâneo. Em que sentido a divulgação do conhecimento científico pode fazer uso disso para chegar até o cidadão comum?

As tecnologias de informação e comunicação têm tido amplas consequências em todos os países. Hoje podemos estar profundamente conectados com todo o mundo. E o desenvolvimento da Internet permite que os usuários possam incorporar informação ao sistema. Está se estendendo amplamente o que se denomina como a “Internet das coisas”.

Quanto ao seu uso e sua influência para a difusão do conhecimento científico, creio que tem sido muito grande. Nós mesmo começamos desde meados dos anos 1990 a publicar materiais eletrônicos no *site* de Geocrítica na Universitat de Barcelona. Colocamos em curso três revistas científicas que têm uma ampla difusão na Europa e nos países ibero-americanos, incluindo o Brasil. Trata-se da *Scripta Nova*, de *Biblio 3W* e de *Ar@cne*, todas de acesso aberto e que, em seu conjunto, têm milhares de artigos publicados. Também editamos livros totalmente eletrônicos, ou digitalizamos livros impressos quando estão esgotados, facilitando assim sua difusão e consulta.

Recentemente colocamos em curso um periódico em que os mesmos pesquisadores que publicam artigos acadêmicos ou livros se convertem em jornalistas para contribuir com a divulgação de seus trabalhos. Trata-se de *GeocritiQ*, *Plataforma Digital Iberoamericana*, que possui uma ampla difusão. Com isso podemos contribuir com o que hoje se denomina “ciência cidadã”, já que a difusão ampliada do conhecimento científico torna possível que os cidadãos (muitos deles com boa formação acadêmica, como médicos, juristas, biólogos e outras muitas profissões) possam entrar nas pesquisas realizadas e ter conhecimento delas, e inclusive fazer perguntas, expressar dúvidas, ou suscitar questões que possam contribuir com a melhoria dos programas de investigação.

Como você vê as mobilizações sociais que têm tomado as ruas das grandes cidades mundo afora? Ocupar as ruas tem um significado forte, não?

Quando essas mobilizações se produzem, sempre expressam que há problemas não resolvidos e que são percebidos como graves para a população.

Creio que nos sistemas democráticos a política é a forma de resolver os conflitos. Isto inclui os movimentos cidadãos, que devem estar presentes na arena política das cidades.

Não me parece mal a pressão popular para tornar visíveis os problemas graves que existem, desde que se evite a violência. As manifestações pacíficas nos espaços públicos são uma forma de manifestar as aspirações e os descontentamentos. Por exemplo, em Barcelona foram realizados recentemente alguns protestos contra o aumento dos aluguéis e do preço de venda dos imóveis, que são causados pelo processo de gentrificação e pela pressão do turismo. Isso contribui para que o governo e outras esferas da administração pública tomem consciência dos problemas que existem e lhes pressione a tomar medidas para resolvê-los.

Em um de seus artigos, você diz que “Quem só sabe Geografia, nem Geografia sabe”. Assim, como você vê o papel da interdisciplinaridade para desvelar a realidade?

Quando escrevi esta frase, adaptava a que havia pronunciado um médico barcelonês do século XIX: “quem só sabe medicina, nem medicina sabe”. Sem dúvida a especialização é necessária, já que as tradições disciplinares permitem perceber os problemas e abordá-los.

Porém também é importante a interdisciplinaridade. Os problemas têm muitas facetas, que geralmente estão inter-relacionadas. Por isso a abordagem de diferentes especialistas permite descobrir aspectos que um só não perceberia.

Você é um dos maiores geógrafos do mundo na atualidade, sendo uma referência na Geografia e tendo ganhado vários prêmios nacionais e internacionais. Em sua opinião, qual a contribuição da Geografia para compreensão do mundo atual?

Muito obrigado pelo elogio muito generoso, que é sem dúvida exagerado. Quanto à pergunta formulada, creio que a Geografia pode ajudar a compreender os problemas do mundo atual. Alguns problemas-chave que esta ciência desenvolveu há tempos podem continuar presentes hoje em dia. Um, entender a diversidade de espaços, de povos, de culturas e de economias que existem na superfície de nosso planeta. E outro, entender as relações que se estabelecem entre o meio físico e o homem, no duplo sentido: como

influência do meio nas atividades do homem, ou como modificação do meio pela ação humana. Isto é hoje de particular importância, quando temos consciência da exploração desmedida do planeta Terra e do aquecimento terrestre como resultado das atividades humanas.

Muito obrigado por esta entrevista, e pelas perguntas, que foram todas muito pertinentes.